

SIMPÓSIO AT023

A METODOLOGIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS COMO MEDIADORA DE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NO CONTEXTO DO PROFLETRAS: NOSSOS ENCAMINHAMENTOS... NOSSAS ADAPTAÇÕES...¹

BARROS, Eliana Merlin Deganuti de
Universidade Estadual do Norte do Paraná -UENP
elianamerlin@uenp.edu.br

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos
Universidade Estadual do Norte do Paraná -UENP
marilucia@unep.edu.br

Resumo: Este trabalho objetiva apontar e discutir encaminhamentos realizados na elaboração de propostas de intervenção didática para o ensino da língua portuguesa destinadas a diferentes anos da Educação Básica, no contexto de formação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), tendo como suporte a metodologia das sequências didáticas de gêneros (SDG). Nossa intenção é demonstrar como o contexto brasileiro, essencialmente, requer adaptações da proposta da metodologia das SDG. Neste sentido, ao apresentar alguns projetos de intervenção realizados sob nossa orientação pelos professores-mestrandos, procuramos contribuir para reflexões e ações que possibilitem a escola brasileira ampliar os letramentos dos alunos para participação efetiva em diferentes e diversas situações existentes em nossa sociedade, além de defender nosso posicionamento de que a metodologia das SDG precisa ser tomada como um suporte didático maleável e adaptável, a fim de dar conta da diversidade dos contextos de ensino brasileiros, sem perder de vista à essência sociointeracionista.

Palavras-chave: Sequências didáticas de gêneros; PROFLETRAS; Letramentos; Intervenção didática.

Abstract: This work aims to point out and discuss referrals made in the elaboration of proposals of didactic intervention for the teaching of Portuguese language destined to different years of Basic Education, in the context of formation of the Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), supported by the methodology of genres didactic sequence (GDS). Our intention is to demonstrate how the Brazilian context, essentially, requires adaptations of the GDS methodology proposal. In this sense, when we present some intervention projects carried out under our guidance by PROFLETRAS' students, we seek to contribute to reflections and actions that enable the Brazilian school to expand the students' literacy for an effective participation in different and diverse situations that exists in our society, besides defending our position that the GDS methodology needs to be taken as a flexible and adaptable didactic support, in order to account for the diversity of Brazilian teaching contexts, without losing sight of the sociointeractionist essence.

¹ As autoras deste trabalho receberam auxílio financeiro da Fundação Araucária do Paraná.

Keywords: Genres didactic sequence; PROFLETRAS; Literacy; Didactic intervention

Introdução

Para a inserção dos gêneros de textos como objetos/instrumentos de ensino na escola, os pesquisadores vinculados aos preceitos da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) sugerem uma engenharia didática fundamentada no princípio de que para que um gênero possa ser abordado em sala de aula é fundamental que ele passe por rupturas, a fim de que se transforme em objeto a ensinar. Por vezes, o gênero precisa ser simplificado, em outras situações, algumas das dimensões do gênero podem ser tomadas em detrimento a outras, etc. É sobre esse aspecto que trata este artigo, no qual apresentamos dois projetos de letramento elaborados e implementados por membros do Grupo de Pesquisa *Diálogos Linguísticos e Ensino: saberes e práticas* (DIALE) (CNPQ/UENP) em salas de aula da Educação Básica. Os projetos elaborados pelo Grupo têm utilizado a metodologia das sequências didáticas de gêneros (SDG) no ensino da língua portuguesa sob diversas formas, adaptando-a conforme as necessidades contextuais de ensino, dando ênfase ao desenvolvimento de letramentos múltiplos voltados para o aprimoramento da escrita formal, da jornalística, da digital, da literária, etc.

De forma mais específica, o objetivo deste artigo é apresentar, em síntese e com adaptações, as SDG elaboradas por Sene (2019)² e Oliveira (2019), parte integrante das dissertações desenvolvidas sob nossa orientação, no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), diante da perspectiva de que ampliar letramentos é criar eventos que possibilitem integrar os alunos a situações de interação socialmente relevantes.

1. Metodologia das sequências didáticas de gêneros (SDG)

² Esta pesquisa vincula-se ao projeto “Gêneros discursivos/textuais: dos documentos prescritivos à sala de aula”, subsidiada pela Fundação Araucária do Paraná, pela Bolsa Produtividade em Pesquisa (prot. 49372).

O conceito de sequência didática focalizada neste trabalho refere-se a um procedimento de ensino voltado para a didatização da produção de textos, sistematizado por pesquisadores genebrinos filiados ao ISD. Entretanto, pela nossa experiência na elaboração e desenvolvimento de SDG para a Educação Básica brasileira, compreendemos que é preciso redefini-la para além de um procedimento. A proposição é tomá-la como uma metodologia de ensino da língua que, necessariamente, se norteia por bases teóricas de cunho sociointeracionista. Nossa preocupação é que a SDG não seja reduzida a um procedimento estanque, entendido apenas pela sua estrutura de base – apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final –, como etapas a serem cumpridas com atividades aleatórias. Não queremos dizer, com isso, que os autores que conceberam a SDG compreendam-na dessa forma redutora, pelo contrário, ela foi criada alicerçada em bases teórico-metodológicas sólidas que subsidiam os objetivos almejados.

Na metodologia das SDG, o gênero enquanto referência de uma prática social de uso da linguagem é tomado tanto como objeto como instrumento de ensino (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 80). É por meio dele que o funcionamento da língua, em sua plenitude – textual, discursiva, enunciativa, social... –, vai sendo desvelada, uma vez que a interação é sempre coordenada por esses enunciados relativamente tipificados. Destacamos ainda a questão da maleabilidade, da ressignificação que pode sofrer uma SDG, diante do contexto didático, dos objetivos almejados, etc. podendo favorecer o desenvolvimento de letramentos múltiplos (ROJO, 2010) entre nossos jovens, para que esses percebam que a escola é uma extensão da sociedade, onde circulam diversas práticas sociais de linguagem.

2. O conto maravilhoso: a SDG articulada à Escrita Criativa

Segundo Sene (2019), o conto maravilhoso se constitui de elementos que criam espaço para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade do aluno,

e, por conta do encantamento promovido pelo trabalho com a imaginação, a pesquisadora acreditou no potencial do gênero como catalisador da atenção dos alunos do 6 ano do ensino fundamental, para quem direcionou sua SDG. A premissa foi a de que inserir o texto literário em sala de aula não é para, necessariamente, formar um aluno escritor, no âmbito profissional, é possibilitar o contato com o processo de criação artística (um dos letramentos intencionados) e com gêneros em que o autor pode empregar um estilo mais livre, que corresponda a projetos mais particulares de dizer (BAKHTIN, 2003).

Porém, diante da escassa publicação de trabalhos com gêneros textuais da esfera literária apoiados na metodologia da SDG, Sene buscou aporte também nos procedimentos para o desenvolvimento da produção de textos sugeridos pela Escrita Criativa (MANCELOS, 2013; TAUVERON, 2014; GONZAGA, TUTIKIAN, 2015). Foi no momento da modelização, que conhecendo as especificidades do gênero, o qual imprime, justamente, uma maior autonomia ao autor na organização dos elementos estilísticos, que Sene se decidiu pela busca de procedimentos auxiliares na construção dos módulos de trabalho com as especificidades do conto maravilhoso. Foram várias atividades construídas baseadas nas técnicas da EC, como destacamos no quadro a seguir que apresenta uma sinopse da SDG:

Quadro 1: Sinopse da sequência didática do conto maravilhoso

Atividades didáticas	
1	Roda de conversa: 1. Dinâmica “Caixa de Sentimentos” (adaptação de técnicas da EC) ; 2. Leitura de um dos contos da coletânea e identificação da temática; 3. Produção de um mural com os temas abordados nos contos maravilhosos.
2	1. Apresentação da obra <i>No meio da noite escura tem um pé de maravilha!</i> , de Ricardo Azevedo; 2. Atividades de pré-leitura.
3	1. Elaboração de entrevista com uma escritora de contos da cidade; 2. Participação na palestra ministrada pela escritora; 3. Sistematização das informações coletadas durante a palestra e na entrevista.
4	1. Apresentação do vídeo “Ricardo Azevedo e suas obras”; 2. Contação de um dos contos da coletânea utilizando a Dinâmica “Caixa cenário” (adaptação de técnicas da EC) ; 3. Identificação do contexto de produção e da temática.
5	1. Leitura compartilhada de um outro conto; 2. Os elementos da narrativa.
6	1. Leitura compartilhada de um conto; 2. Composição de mural com os elementos da narrativa; 4. Dinâmica “Texto quebra-cabeça” (adaptação de técnicas da EC) .
7	1. Identificação do uso de sinônimos na construção de sentidos em um dos conto; 2. O tempo verbal e a função da expressão “Era uma vez”.
8	1. Leitura de um dos contos conferindo ritmo e entonação adequados; 2. Os sinais de

	pontuação; 3. As vozes - discurso direto e indireto.
9	1. Ampliação do léxico relacionado ao universo maravilhoso por meio da Dinâmica “ABC do Era uma vez” (banco de palavras - adaptação de técnicas da EC) ; 2. Composição dos personagens – Dinâmica “Festa à fantasia” (adaptação de técnicas da EC) ; 3. Definição dos personagens dos contos a serem produzidos pelos alunos.
10	Produção em duplas de contos maravilhosos.
11	1. Realização da autoavaliação; 2. Revisão do texto do colega; 3. Reescrita do texto.
12	1. Oficina de ilustração com o professor de Artes; 3. Ilustração dos contos.
14	1. Produção do texto final e da coletânea; 2. Evento de lançamento.

3. A reportagem infográfica mediando letramentos multissemióticos

A proposta de Oliveira (2019) partiu de uma problemática que a pesquisadora enfrentava no seu dia a dia como docente de língua portuguesa e língua inglesa na Educação Básica: a fato de os alunos não perceberem a textualidade em textos não verbais, por isso, a desqualificação quanto ao seu papel como objeto de ensino da língua. Segundo a professora-pesquisadora, é comum os estudantes tomarem textos imagéticos somente como uma mera ilustração ou como mera complementação de textos verbais. Nessa visão, proveniente do senso comum, o texto é definido apenas pelo seu conteúdo verbal, o que dificulta a apreensão, por parte dos alunos, dos diversos textos multissemióticos que circulam nas diferentes mídias, sobretudo na contemporaneidade.

Foi partindo dessa problemática real que envolve o letramento multissemiótico dos alunos que Oliveira (2019) elaborou um projeto de letramento centralizado no gênero “reportagem infográfica”, um infográfico do tipo independente (cuja função não é complementar uma matéria principal). A seleção do gênero “reportagem infográfica” possibilitou a inserção dos alunos em práticas de letramento tanto da esfera jornalística – campo social de produção do gênero –, da esfera de divulgação científica³ – campo de onde emergem os conhecimentos de referência para a produção do gênero – e da esfera do cotidiano de jovens tidos “nerds” – meio de circulação desse gênero. Além disso, a reportagem infográfica se mostrou um ótimo exemplo de como as

³ No projeto em questão, a professora-pesquisadora tomou as reportagens infográficas das revistas de divulgação científica *Superinteressante* e *Mundo Estranho* como ferramentas de ensino.

práticas da escrita jornalística vêm acompanhando as tendências das práticas de letramento contemporâneas: verbal e não verbal (imagem, cor, gráficos, tabelas, etc.) em plena articulação na produção de sentidos; grande concentração de informação em textos curtos, com alto poder de síntese. E se os “textos mudaram, mudam também as competências/capacidades de leitura e produção de textos requeridas” (ROJO, 2010, p. 29). E são essas “novas” capacidades que Oliveira (2019) buscou desenvolver nos alunos, tanto no âmbito da leitura como da produção, tendo a reportagem infográfica como objeto e instrumento de ensino.

Para que tal proposta se concretizasse, a Oliveira (2019) criou vários *eventos de letramento* em que os alunos pudessem vivenciar a leitura, produção e análise de reportagens infográficas, como podemos observar na sinopse da sequência elaborada o 8º ano do Ensino Fundamental, incorporando ao projeto, a problemática do consumismo. Além disso, a produção de infográficos foi abordada também pelo viés do *letramento digital* (cf. DUDENEY; HOCKLY; PEGRUN, 2016), uma vez que a produção dos textos se deu por meio do *piktochart*⁴, um aplicativo virtual disponível para esse fim.

Quadro 2 – Sinopse da sequência didática da Reportagem infográfica

Atividades didáticas	
01	1. Apresentação das revistas <i>Mundo Estranho</i> e <i>Superinteressante</i> aos alunos; 2. Leitura de infográfico e questionário diagnóstico; 3. Discussão oral.
02	1. Apresentação de vídeo informativo de Ricardo Cunha Lima: O que é infografia? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IMjypbmlxjY ; 2. Discussão sobre o gênero, abordando a diferença de ilustração e de infografia.
03	1. Identificação e análise de infográficos; 2. Análise dos propósitos comunicativos de infográficos: explanatórios, exploratórios, misto e historiográficos; 3. Leitura de vários infográficos e análise do contexto da ação da linguagem; 4. Socialização das atividades por meio de apresentação das leituras realizadas.
04	1. Produção da primeira versão simplificada do infográfico: montagem de um quebra-cabeça de uma reportagem infográfica e elaboração do título (uma pergunta que deve conduzir a reportagem).
05	1. Leitura e análise de uma reportagem somente verbal e de uma reportagem infográfica - mesma temática.
06	1. Leitura e análise - atividade escrita - de reportagens infográficas, com foco no plano global do gênero; 2. Atividade de leitura para identificar o propósito comunicativo de infográficos; 3. Elaboração de títulos para os infográficos lidos.

⁴ Tutorial sobre o uso do aplicativo *piktochart* está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NgZXJp_Xf9A. Acesso em: 11 mar. 2018.

07	1. Leitura e atividade escrita de identificação e análise das sequências descritiva e explicativa em reportagem infográfica; 2. Questionamento do professor sobre como as imagens contribuíram para produção de sentidos do texto; 3. Atividade de compreensão do gênero receita culinária, identificando o uso da sequência injuntiva; 4. Identificação do uso da sequência injuntiva em infográfico, comparando com a prática de escrita de receitas; 5. Identificação e análise das sequências tipológicas utilizadas na planificação dos infográficos estudados, destacando a predominante.
08	1. Atividade escrita para análise de semioses para a composição da reportagem infográfica; 2. Questionamento do professor sobre o uso das diversas linguagens utilizadas para produção de sentido no texto; 3. Socialização das respostas e exemplificações de diversos tipos de semioses por meio de slides; 4. Produção textual de um infográfico utilizando semioses que complementem as informações verbais.
09	1. Leitura da narrativa visual “Cena de rua”, de Ângela Lago; 2.Registro das impressões de leitura; 3. Discussão sobre a temática da obra e da linguagem não verbal para a produção dos sentidos da narrativa; 4. Vídeo de Dolores Prades sobre a obra “Cena de Rua”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x90Bx7tC-SA ; 5. Registro no caderno de palavras-chaves referentes às impressões de leitura; 6. Produção de “nuvem de palavras” a partir das percepções (palavras-chaves) dos alunos em relação à obra, usando a ferramenta <i>Wordarte</i> . Disponível em: https://wordart.com/create ; 7. Observação da relação das cores em infográfico abordados na oficina 03.
10	1. Atividade abordando os conectivos lógicos e função no texto.
11	1. Apresentação do vídeo “Como fazer um infográfico?”, e Euduf (Superinteressante). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=06VbAQodPhY . 2. Atividade escrita de registro do processo de produção do infográfico, conforme o especialista; 3. Leitura do infográfico “Mundo Árvore” (exibido no vídeo) publicado em formato impresso; 4. Questionamento do professor sobre as contribuições do especialista para a compreensão e produção do gênero infográfico.
12	1. Conhecendo o aplicativo <i>Piktochart</i> . Tutorial do <i>Piktochart</i> . Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NqZXJp_Xf9A . 2. Produção textual coletiva de uma reportagem infográfica, partindo de uma pergunta dada pelo professor.
13	1. Discussão acerca da temática “consumismo”; 2. Leitura e compreensão do texto “A cara da vida moderna”, de Walcyr Carrasco; 3. Pesquisa sobre o conteúdo temático “consumismo” em mídias digitais.
14	1. Planejamento e elaboração do texto como protótipo para o infográfico; 2. Produção textual do infográfico utilizando o aplicativo <i>Piktochart</i> (em grupos).
15	1 Revisão coletiva dos textos produzidos pelos grupos; 2. Revisão individual por meio de grade de correção; 3. Reescrita das reportagens infográficas.
16	1.Leitura de um infográfico e aplicação de questionário de leitura.
17	1.Divulgação dos infográficos produzidos pelos alunos em mural da escola e por meio de um blog criado pela turma.

Considerações Finais

Ao final do trabalho proposto, Sene (2019) conclui que a EC forneceu técnicas e preceitos que incentivaram o desenvolvimento da criatividade dos alunos, imprescindível para a composição do gênero. No projeto desenvolvido por Oliveira (2019), os alunos tiveram a oportunidade de conhecer práticas letradas relevantes para jornalismo atual, atuando tanto como leitores profícuos

como “produtores mirins” de reportagens infográficas, a partir da utilização do aplicativos *Piktochart*, além de discutirem um tema importante: o consumismo. Nesse contexto, o ato de ler e produzir textos ganhou vida, pois ultrapassou os muros da escola, dando significado para as aprendizagens dos alunos.

Assim, as pesquisadoras redefiniram a SDG para além de um procedimento: a) realizando transformações nos gêneros trazidos de seus lugares de origem para a sala de aula, como fez Oliveira (2019), que na delimitação da reportagem infográfica como objeto de ensino redefiniu o lugar de produção do texto – o aplicativo *Piktochart*; b) não reduzindo a SDG a uma simples estrutura de base, como fez Sene (2019), que incorporou técnicas da EC nas oficinas de trabalhos com as características do conto maravilhoso.

Referências

- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUN, Mark. **Letramentos digitais**. Trad. de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.
- GONZAGA, Pedro; TUTIKIAN, Jane. **Escreva**: guia de escrita criativa. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.
- MANCELOS, João de. *O Ensino da Escrita Criativa em Portugal: Preconceitos, Verdades e Desafios*. **Exedra**, n. 9, p. 155-160, mar. 2010.
- OLIVEIRA, Cristiane Romano Rodrigues de. **Infográfico**: uma ferramenta para o letramento multissemiótico. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, Cornélio Procópio (no prelo).
- ROJO, Roxane. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? *In*: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord.). **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**. n.11, Mai/Jun/Jul/Ago, 1999, p. 5-16.
- SENE, Aline Regina Lemes de. **O gênero textual conto maravilhoso**: uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2019 (no prelo).
- TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. **Educar em Revista**, n. 52, Curitiba, PR: Editora UFPR, p. 85-101, 2014.